

o término da conversação, findou a palestra com uma pergunta graciosa.

Quando vi os companheiros se levantarem para despedir-se, ao som da música habitual, indaguei de Narcisa, surpreendido:

— Que é isso? Acabou a reunião?

A enfermeira bondosa esclareceu sorridente:

— A Ministra Veneranda é sempre assim. Finaliza a conversação em meio do nosso maior interesse. Ela costuma afirmar que as preleções evangélicas começaram com Jesus, mas ninguém pode saber quando e como terminarão.

XXXVIII

O CASO TOBIAS

No terceiro dia de trabalho, alegrou-me Tobias com linda surpresa. Findo o serviço, ao entardecer, de vez que outros se incumbiram da assistência noturna, fui fraternalmente levado à residência dele, onde me aguardavam belos momentos de alegria e aprendizado.

Logo de entrada, apresentou-me duas senhoras, uma já idosa e outra bordejando a madureza. Esclareceu que esta era sua esposa e aquela, irmã, Luciana e Hilda, afáveis e generosas, primaram em gentilezas.

Reunidos na formosa biblioteca de Tobias, examinamos volumes maravilhosos na encadernação e no conteúdo espiritual.

A senhora Hilda convidou-me a visitar o jardim, para que pudesse observar, de perto, alguns caramanchões de caprichosos formatos. Cada casa, em "Nosso Lar", parecia especializar-se na cultura de determinadas flores. Em casa de Lírias, as glicínias e os lírios contavam-se por centenas; na residência de Tobias as hortencias inumeráveis desabrochavam nos verdes lengôis de violetas. Belos caramanchões de árvores delicadas, recordando o bambú ainda novo, apresentavam no alto uma trepadeira interessante, cuja especialidade é unir frondes diversas, à guisa de enormes laços floridos, na verde cabeleira das árvores, formando gracioso teto.

Não sabia traduzir minha admiração. Embalsava-se a atmosfera de capitoso perfume. Comentavamos a beleza da paisagem geral, vista daquele angulo do Minis-

terior da Regeneração, quando Luciana nos chamou ao interior, para leve refeição.

Encantado com o ambiente simples, clarinante de fraternidade sincera, não sabia como agradecer ao gerozo anfitrião.

A certa altura da palestra amavel, Tobias acrescentou soridente:

— O meu amigo, a bem dizer, é ainda novato em nosso Ministério e talvez desconheça o meu caso familiar.

Sorriam ao mesmo tempo as duas senhoras; e, observando-me a silenciosa interpelação, o dono da casa continuou:

— Aliás, temos numerosos núcleos nas mesmas condições. Imagine que fui casado duas vezes... E indicando as companheiras de sala, prosseguiu num gesto de bom humor:

— Creio nada precisar esclarecer quanto às espôsas.

— Ah! sim — murmurei extremamente confundido quer dizer que as senhoras Hilda e Luciana compartilharam das suas experiências na Terra...

— Isso mesmo — respondeu tranquilo.

Nesse interim, a senhora Hilda tomou a palavra, dirigindo-se a mim:

— Desculpe o nosso Tobias, irmão André. Ele está sempre disposto a falar do passado, quando nos encontramos com alguma visita de recem-chegados da Terra.

— Pois não será motivo de júbilo — aduziu Tobias bem humorado — vencer o monstro do ciúme inferior, conquistando, pelo menos, alguma expressão de fraternidade real?

— De fato — objetei — o problema interessa profundamente a todos nós. Ha milhões de pessoas, nos círculos do planeta, em estado de segundas núpcias. Como resolver tão alta questão afetiva? Considerando a espiritualidade eterna? Sabemos que a morte do corpo apenas transforma sem destruir. Os laços da alma prosseguem, através do Infinito. Como proceder? Condenar o homem ou a mulher que se casaram mais de uma vez? Encontraríamos, porém, milhões de criaturas nessas con-

dições. Muitas vezes já lembrei, com interesse, a passagem evangélica em que o Mestre nos promete a vida dos anjos, quando se referiu ao casamento na Eternidade.

— Forçoso é reconhecer, todavia, com toda a nossa veneração ao Senhor — stalhou o anfitrião bondoso — que ainda não nos achamos na esfera dos anjos e sim dos homens desencarnados.

— Mas como solucionar aqui semelhante situação? — perguntel.

Tobias sorriu e considerou:

— Muito simplesmente. Reconhecemos que entre o irracional e o homem há uma série enorme e gradativa de posições. Assim também, entre nós outros, o caminho até o anjo representa imensa distância a percorrer. Ora, como podemos aspirar a companhia de seres angélicos, se ainda não somos nem mesmo fraternos, uns com os outros? Claro que existem caminheiros de ânimo forte, que se revelam superiores a todos os obstáculos da senda, por supremo esforço da vontade; mas a maioria não prescinde de pontes ou do socorro de guardiões caridosos. Em vista dessa verdade, os casos dessa natureza são resolvidos nos alicerces da fraternidade legítima, reconhecendo-se que o verdadeiro casamento é de almas e essa união ninguém poderá quebrantar.

Nesse instante, Luciana, que se mantinha silenciosa, intervui, acrescentando:

— Convém explicar, todavia, que tudo isso, felicidade e compreensão, devemos ao espírito de amor e renúncia de nossa Hilda.

A senhora Tobias, no entanto, demonstrando humildade digna, acentuou:

— Calem-se. Nada de qualidades que não possuo. Buscarei sumariar nossa história, a-fim-de que nosso hóspede conheça meu doloroso aprendizado.

E continuou, depois de fixar um gesto de narradora amavel:

— Tobias e eu nos casámos na Terra, quando ainda muito jovens, em obediência a sagradas afinidades espirituais. Creio desnecessário descrever a felicidade de duas almas que se unem e se amam verdadeiramente

no matrimônio. A morte, porém, que parecia enciumada de nossa ventura, subtraiu-me do mundo, por ocasião do nascimento do segundo filhinho. Nosso tormento foi, então, indescritível. Tobias chorava sem remédio, ao perceber que eu me via sem forças para sufocar a própria angústia. Pesados dias de Ubranal abateram-se sobre mim. Não tive remédio senão continuar agarrada ao mando e ao casal de filhinhos, surda a todo esclarecimento que os amigos espirituais me enviavam, por intuição.

Queria lutar, como a galinha ao lado dos pintinhos. Reconhecia que o esposo necessitava reorganizar o ambiente doméstico, que os pequeninos reclamavam assistência maternal. Tornava-se a situação francamente insuportável. Minha cunhada solteira não tolerava as crianças e a cosinheira apenas fingia dedicação. Duas amas jovens pautavam toda a conduta pessoal pela insensatez. Não pôde Tobias adiar a solução justa e, decorrido um ano da nova situação, desposou Luciana, contrariando meus caprichos. Ah! se soubesse como me revoltei! Semelhava-me a uma loba ferida. Minha ignorância deu até para lutar com a pobrezinha, tentando aniquilá-la. Foi ai que Jesus me concedeu a visita providencial de minha avó materna, desencarnada havia muitos anos. Chegou ela como quem nada desejava, enchendo-me de surpresa, sentou-se a meu lado, pôs-me em seguida no colo, como noutro tempo, e perguntou-me lacrimosa: — "Que é isso, minha neta? Que papel é o seu na vida? Você é leôa, ou alma consciente de Deus? Pois nossa irmã Luciana serve de mãe a seus filhos, funciona como criada de sua casa, é jardineira do seu jardim, suporta a bálsio do seu marido e não pode assumir o lugar provisório de companheira de lutas, ao lado dele? E' assim que o seu coração agradece os benefícios divinos e remunera aqueles que o servem? Quer você uma escrava e despreza uma irmã? Hilda! Hilda! onde está a religião do Crucificado que você aprendeu? Oh! minha pobre neta, minha pobre neta..." Abracei-me, então, em lagrimas, com a velhinha santa e abandonei o antigo ambiente doméstico, vindo em companhia dela para os serviços de "Nosso Lar". Desde essa época, tive em Luciana

mais uma filha. Trabalhei, então, intensamente. Consagrei-me ao estudo sério, ao melhoramento moral de mim mesma, busquei ajudar a todos, sem distinção, em nosso antigo lar terrestre. Constituiu Tobias uma família nova, que passou a me pertencer, igualmente, pelos sagrados laços espirituais. Mais tarde, voltou ele, reunindo-se a mim, acompanhado de Luciana, que veio também ter conosco para nossa completa alegria. E ai tem, meu amigo, a nossa história...

Luciana, contudo, tomou a palavra e observou:

— Não disse ela, porém, quanto se tem sacrificado, ensinando-me com o exemplo.

— Que dizes, filha? — perguntou a senhora Tobias acariciando-lhe a destra.

Luciana sorriu e ajuntou:

— Mas graças Jesus e a ela, aprendi que ha casamentos de amor, de fraternidade, de provação, de dever, e, no dia em que Hilda me beijou, perdoando-me, senti que meu coração se libertara desse monstro que é o ciúme inferior. O matrimônio espiritual realiza-se, alma com alma, representando os demais simples conciliações indispensáveis à solução de necessidades ou processos retificadores, embora todos sejam sagrados.

— E assim construimos nosso novo lar, na base da fraternidade legítima — acrescentou o dono da casa.

Aproveitando o ligeiro silêncio que se fizera, indaguei:

— Mas como se processa o casamento aqui?

— Pela combinação vibratória — esclareceu Tobias, atencioso — ou então para ser mais explícito — pela afinidade máxima ou completa.

Incapaz de sopitar a curiosidade, esqueci a lição de bom tom e interroguiei:

— Mas qual a posição de nossa irmã Luciana neste caso?

Antes, porém, que os cônjuges espirituais respondessem, foi a própria interessada que explicou:

— Quando desposei Tobias, viuvi, já devia estar certa de que, com todas as probabilidades, meu casamento seria uma união fraternal, acima de tudo. Foi

o que me custou a compreender. Aliás, é lógico que, se os consortes padecem inquietação, desentendimento, tristezas, estão unidos fisicamente, mas não integrados no matrimônio espiritual.

Queria perguntar mais alguma cousa, entretanto, não encontrava palavras que revelassem ausência de impertinentes indiscreção. A senhora Hilda, contudo, compreendeu-me o pensamento e explicou:

— Fique tranquilo. Luciana está em pleno noivado espiritual. Seu nobre companheiro de muitas etapas terrenas precedeu-ha alguns anos, regressando ao círculo carnal. No ano próximo, ela seguirá igualmente ao seu encontro. Creio que o momento feliz será em São Paulo.

Sorrimos todos alegremente.

Nesse instante, Tobias foi chamado ás pressas, para atender um caso grave nas Camaras de Retificação.

Era preciso, desse modo, encerrar a palestra.

XXXIX

OUVINDO A SENHORA LAURA

O caso Tobias impressionara-me profundamente.

Aquela casa, alicerçada em princípios novos de união fraterna, preocupava-me como assunto obsidente. Afinal de contas, também ainda me sentia senhor do lar terrestre e avaliava quão difícil para mim próprio, semelhante situação. Teria coragem de proceder como Tobias, impondo-lhe a conduta? Admitia que não. A meu ver, não seria capaz de aborrecer tanto a minha querida Zélia e jamais aceitaria tal imposição por parte de minha esposa.

Aquelas observações da casa de Tobias, torturavam-me o cérebro. Não conseguia encontrar esclarecimentos justos que pudesssem satisfazer-me.

Tão preocupado me senti que, no dia imediato, deliberei visitar Lísias, num momento de folga, ansioso de explicações da senhora Laura, a quem votava confiança filial.

Recebido com enormes demonstrações de alegria, esperei o momento propício, em que pudesse ouvir a mãe-zinha de Lísias, com calma e serenidade.

Depois de se ausentarem os jovens, a caminho de entretenimentos habituais, expus à generosa amiga o problema que me apontava, não sem natural acanhamento.

Ela sorriu, com a grande experiência da vida e começou a dizer:

— Você fez bem em trazer a questão ao nosso